

É meu privilégio e enorme honra poder assinar este prefácio da edição pós-invasão russa da Ucrânia de uma obra que, antes mesmo desse acontecimento transformador da ordem internacional, já continha inúmeros elementos que demonstravam, com especial sapiência e discernimento, as tendências contraditórias de um mundo em profunda e acelerada mutação.

Agradeço ao Professor António Rebelo de Sousa o honroso convite para tentar elaborar esse complemento e espero que compreendam o especial foco que quis dar ao que o crime russo na Ucrânia já determinou e poderá ainda vir a determinar nas alterações ao mapa de Segurança e Liberdade que nos habituámos a ter por garantido desde 1945.

Felicitó o autor desta obra pela abordagem rica, diversa e multidisciplinar que aqui nos mostra, numa leitura complexa e abrangente, que se funda na análise económica e inclui a ciência política e a teoria da “governance” mundial.

“Do Liberalismo ao Neo-Realismo” é, assim, um precioso contributo para a formulação de uma nova teoria política internacional.

E saúdo, com um sentimento de profunda gratidão, os 46 anos de serviço à comunidade do Professor António Rebelo de Sousa, ao formar gerações de alunos, com a partilha do seu Conhecimento, Humanismo e compromisso na construção do Bem Comum.

Ler este livro é uma experiência duplamente enriquecedora: pelo que se aprende e por nos permitir juntar à justa homenagem na Jubilação de um professor universitário que dedicou grande parte da sua vida ao Ensino e à Investigação.

A 5 de DEZEMBRO 1994, o Memorando de Budapeste sobre Garantias de Segurança proíbe a Rússia, o Reino Unido e os EUA de ameaçar ou usar qualquer força militar ou coerção económica contra a Ucrânia (bem como contra a Bielorrússia e o Cazaquistão), *“exceto em legítima defesa ou de outro modo em concordância com a Carta das Nações Unidas”*. Na sequência dessa garantia, ucranianos, bielorrussos e cazaques desistiram das suas armas nucleares e entregaram-nas à Federação Russa. No caso da Ucrânia, Kiev dispunha na altura do terceiro maior arsenal nuclear do mundo (mas não tinha os códigos de lançamento). No primeiro ponto desse memorando podia ler-se: *“A Ucrânia faz isto desde que respeitadas a independência e a soberania e as fronteiras nela*

existentes”. Lido aos olhos de hoje, seria cômico se não fosse trágico.

Doze anos e dois meses depois, a **10 FEVEREIRO 2007**, Na Conferência de Segurança de Munique, Vladimir Putin, perante uma plateia de vários líderes internacionais, incluindo senadores norte-americanos como John McCain, surpreende tudo e todos e profere um discurso agressivo e ameaçador, acusando os EUA de prejudicar as relações internacionais com um “*domínio monopolístico*”. O presidente russo disse-se enganado pelo Ocidente em relação às garantias que teria recebido nos anos anteriores quanto a um não alargamento da NATO até às fronteiras russas (Rep. Checa, Polónia e Hungria entraram em 1999; Estónia, Lituânia, Letónia, Eslováquia, Eslovénia, Bulgária e Roménia tinham entrado em 2004; Albânia e Croácia viriam a entrar em 2009). “*Ninguém se sente seguro! Porque ninguém pode achar que o Direito Internacional é como um muro de pedra que os irá proteger. Claro que tal política estimula a uma corrida às armas*”.

Bastou passar ano e meio desse discurso agressivo de Putin em Munique para vermos, atónitos, as primeiras consequências: em AGOSTO 2008: Na Geórgia, a Rússia apoia militarmente os separatistas da Ossétia do Sul e da Abecásia, ficando, com esse movimento, a controlar perto de 20% do território georgiano (um quarto de Abecásia e quase metade da Ossétia do Sul). Era a demonstração clara de que Putin estava mesmo disposto a usar a força para proteger o que considerava serem os interesses dos russófonos no “espaço pós-soviético”.

Cinco anos e mais tarde da movimentação agressiva na Geórgia, em março de 2014, Três semanas depois de movimento militar inesperado, Vladimir Putin assina a Adesão da Crimeia e Sebastopol à Federação Russa, em ato ilegal à luz do Direito Internacional (que continua a considerar estes territórios partes da Ucrânia), mas com o apoio e reconhecimento de 16 países, entre os quais Cuba, Venezuela, Bolívia e Nicarágua. No mês seguinte,

ABRIL 2014: Rebenta conflito armado no Donbass, no leste da Ucrânia, nas províncias separatistas pró-russas de Donetsk e Luhansk, onde militantes pró-Moscovo reivindicam ser uma nação independente da Ucrânia. O governo de Kiev, em resposta, iniciou a "Operação Anti-Terrorista", lançando uma série de ofensivas e reavendo várias cidades e regiões. A 5 de setembro, em Minsk, representantes dos governos russo e ucraniano, iniciaram a negociação para um acordo de cessar-fogo no leste do país, numa

altura em que já tinham morrido três mil pessoas desde o início do conflito.

Mais um salto temporal, agora sete anos e meio: **18 DEZEMBRO 2021**: Vladimir Putin apresentou à Organização do Tratado do Atlântico Norte uma lista de exigências de segurança. A principal era que a Ucrânia nunca integrasse o bloco militar ocidental, uma vez que Moscovo entendia a expansão da aliança como uma ameaça à sua integridade territorial. Biden e Putin falam duas vezes ao telefone (primeiro no início do mês, depois durante 50 minutos a 30 de dezembro).

24 de fevereiro de 2022 entrará para a História num lugar superior – em relevância e significado -- ao 11 de Setembro de 2001, ou mesmo à queda do Muro de Berlim (9 novembro 1989). Foi o dia em que quase tudo mudou.

Esta não é apenas mais uma guerra: é uma guerra em território europeu em que o maior país do mundo e provavelmente ainda a maior potência nuclear tenta invadir um dos maiores países da Europa. A ideia, que tomávamos como certa no nosso espaço desde a Segunda Guerra Mundial, que as fronteiras não se definem à força bruta, mas à luz de tratados ou acordos foi definitivamente abalada.

O mapa de segurança europeia terá que ser profundamente alterado. A Rússia passou de ameaça a agressor. Deixou de ser confiável.

A Rússia tem-se caracterizado pela ineficácia: precisou de quase três meses para tomar Mariupol – e só o fez pela destruição geral. Precisou de mais do dobro desse tempo (pelo menos sete meses) para cercar Bakhmut – um ponto sem particular relevância estratégica ou militar no Donetsk. Em todo o mês de fevereiro de 2023, a Rússia só conseguiu conquistar 0,01% do território ucraniano. No acumulado dos primeiros dois meses deste ano de 2023, uns ínfimos 0,34%.

O grande fracasso russo aconteceu logo nas primeiras semanas após a invasão. Falhou rotundamente Kiev, e deixou escapar a segunda maior cidade, Kharkiv, logo nos primeiros dias. Meses depois, foi humilhada na contraofensiva ucraniana para retomar o controlo desse oblast e viu as suas tropas retirarem misteriosamente de Kherson.

Zelensky continua a ser ouvido, 400 dias depois. A este nível, será caso único, neste tempo mediático de ciclos cada vez mais curtos em que vivemos. Tem conseguido manter pressão no apoio internacional. Mas... até quando?

Richard Hass, presidente do Council on Foreign Relations, nota: *“Muitos no Ocidente e na Ucrânia teriam aceitado rapidamente uma versão daquilo que hoje em dia existe, nomeadamente uma*

Ucrânia soberana que exerce autoridade sobre cerca de 80% do seu território. Que seja esta a realidade é um tributo à eficácia dos militares da Ucrânia, à coragem coletiva do povo ucraniano e dos seus líderes e à firmeza do apoio americano e europeu sob a forma de armas, dinheiro, treino, inteligência e aceitação de milhões de refugiados. É também uma chocante acusação contra os militares russos”.

Todos os dias os ucranianos nos têm dado uma prova eloquente de como isto pode ser verdade. A força moral de quem defende o seu território, a sua terra, a sua nação é muito mais poderosa do que a miséria de quem ataca e agride sem razão.

IDEIA 1 -- “Se voltar a ser normal e aceitável que as grandes potências possam amedrontar e ameaçar os seus vizinhos mais fracos, isso afetará a perceção de segurança e o modo como as pessoas, em todo o mundo, se comportam umas com as outras” (Yuval Noah Harari)

A Rússia não tem que ser derrotada, muito menos destruída ou esmagada: só tem que ser travada. Não foi a Ucrânia que invadiu a Rússia. Foi Putin que, há quase um ano, optou pela decisão delirante e irresponsável da via maximalista (invasão total, em vez de incursão limitada no Donbass). Se a Ucrânia parar de se defender, a Ucrânia acaba; se a Rússia parar de atacar, a guerra acaba. É esta a equação fundamental desta guerra inesperada, terrível e de duração imprevisível. Só quando compreendermos o seu verdadeiro alcance poderemos perceber, com total clareza, como é decisivo ajudarmos a Ucrânia a sobreviver como país independente e como identidade própria.

IDEIA 2 -- “Ninguém está a atacar a Rússia. Há uma espécie de absurdo na ideia de Putin” (Jake Sullivan)

A Rússia não foi provocada: avançou para a invasão porque Putin quis (e só por isso). Os países do alargamento a Leste da NATO não aderiram à aliança atlântica para conspirarem um ataque a Moscovo: fizeram uma escolha livre e democrática no sentido de aderir a um espaço de segurança e valores comuns.

-- NÃO É A NATO QUE AMEAÇA A RUSSA, E A RUSSIA QUE AMEAÇA O FLANCO LESTE DO ESPAÇO NATO; Putin queria a finlandização da NAT (netrualdizaa, c), apsoi a te a NATONIALAIA da Finalandia, que at já tem sim hungar par a aneta dna aa aakin

IDEIA 3 -- “Numa guerra não contam os números, mas sim a razão e o moral. Os soldados russos e os mercenários do Grupo Wagner não sabem porque estão a combater; já os soldados e as famílias da Ucrânia lutam para defender o seu país, a sua casa, as suas vidas. E é por isso que vão ganhar. Esta guerra é sobre a Ucrânia, os seus corpos vivos, as suas almas vivas. E é também sobre Valores. Por isso tem a ver com a Europa e com todo o Mundo” (Bernard-Henry Lévy)

IDEIA 4 -- “Esta guerra é uma tragédia, mas não é uma necessidade” (Joe Biden em Varsóvia). SÓ EXISTE PORQUE PUTIN QUIS. NÃO PORQUE O LEVARAM A ISSO.

IDEIA 5 -- “A Ucrânia tornou-se o centro do nosso continente” (Ursula Von der Leyen): É na Ucrânia que, desde 24 de fevereiro de 2022, está a ser definida a nova fronteira da Europa democrática. Não terá a ver só com o destino dos ucranianos: será o destino de todos nós, europeus.

IDEIA 6 -- Olaf Scholz promete: *“Putin não vai alcançar os seus objetivos imperialistas”*. Duda, presidente polaco, foi ainda mais assertivo, quando recebeu Biden em Varsóvia, na véspera do aniversário da invasão: ***“Putin queria reavivar a Rússia imperial. Não podemos permitir”***.